

Domingo, 18 de maio de 1980



Os 19 pintores em 1947, na União Cultural, vindo-se entre eles Volpi, Flávio Carvalho, Waldemar Cordeiro e Osório Cesar entre outros (foto coleção A. A. Marx).

Sobre os "19 pintores"

LUIZ ERNESTO KAWALL

A exposição dos "19 Pintores" realizou-se na Galeria Prestes Maia, em abril de 1947, sob o patrocínio da União Cultural Brasil-Estados Unidos. Sua organização ficou a cargo de Rosa Rosenthal Zuccolotto, colaboradora do programa cultural da União, dirigido pelo prof. Joseph Privitera. A idéia inicial era realizar apenas a exposição "Os novos de São Paulo", já exibida no Rio, com trabalhos de Marcelo Grassmann, Sacilotto, Andreatini e Otávio Araújo. Mas, a idéia se ampliou, estimulada por Sérgio Milliet, Maria Eugênia Franco e Bonadei, este indicando vários jovens para a mostra em São Paulo. Daí nasceu a exposição dos "19", ao invés dos "4" iniciais, já bem sucedidos no Rio.

Integraram a mostra: Aldemir Martins, Antônio Augusto Marx, Cláudio Abramo, Enrico Camerini, Eva Lieblich, Flávio Ciro Tanaka, Huguette Israel, Jorge Mori, Lothar Charoux, Luiz Andreatini, Luiz Sacilotto, Marcelo Grassmann, Maria Helena Milliet Fonseca Rodrigues, Mário Gruber Correia, Maria Leontina Franco, Odetto Guerstoni, Otávio Araújo, Raul Miller Pereira da Costa e Wanda Godoy Moreira.

Um total de Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros velhos) foi concedido pelo sr. Geremia Lunardelli para prêmios aos melhores trabalhos apresentados.

Fizeram parte da Comissão Julgadora, a convite da UCBEU, os pintores Lasar Segall, Anita Malfati e Di Cavalcanti, que assim atribuíram os prêmios:

1.º prêmio (Cr\$ 5.000,00): Mário Gruber; 2.º prêmio (Cr\$ 3.000,00) Maria Leontina; 3.º prêmio (Cr\$ 2.500,00): Aldemir Martins; 4.º prêmio (Cr\$ 2.000,00): Flávio Ciro Tanaka. Prêmio único de desenho (Cr\$ 2.500,00): Cláudio Abramo.

Do catálogo constaram reproduções de auto-retratos (desenho) dos artistas expositores e uma apresentação do crítico Geraldo Ferraz. O desenhado da capa — "19 Pintores" teria sido de autoria de Camerini. Fizeram conferências no local da exposição os críticos Sérgio Milliet, Lourival Gomes Machado, Luiz Martins e Osório Cesar. Lasar Segall e Di Cavalcanti foram os que mais calorosamente participaram dos debates.

O "Diário da Noite" promoveu um inquérito, de Quirino da Silva, sobre a iniciativa entre artistas de renome no cenário das artes plásticas de São Paulo. Depuseram Flávio de Carvalho, Aldo Bonadei e Clóvis Graciano, todos enaltecendo o sentido cultural da mostra dos "novos". Odetto Guerstoni redigiu 8 páginas, à mão, sobre a exposição, "Notas de meu diário", que serve de roteiro geral sobre a mostra dos "19 Pintores".

De 12 de novembro a 6 de dezembro de 1968, foi realizada uma retrospectiva didática dos "19", na Tema Galeria de Arte, promovida por Fernando Silva e sob auspícios do Instituto de Idiomas Yázigí. O catálogo reproduziu a apresentação de Geraldo Ferraz e inseriu texto de Reinaldo Bairão, de elogios à geração dos anos 40, aos artistas e à iniciativa.

A terceira exposição dos "19" foi realizada de agosto a setembro de 1978, no Museu de Arte Moderna, comemorando os 30 anos da 1.ª exposição. Coordenou a mostra, um dos "19", Maria Helena Milliet Fonseca Rodrigues, com supervisão e montagem de Diná Lopes Coelho. O catálogo reproduz as palavras de apresentação de Geraldo Ferraz e os auto-retratos do catálogo original de 47, publica um estudo crítico de Jacob Klintowitz, reproduzindo ainda a cores trabalhos atuais — até 1978 — dos integrantes dos "19".

Anotações para um estudo crítico

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. O grupo, movimento, ou, simples exposição dos "19 Pintores", realizada 3 vezes em 1947, 1968 e 1978, simplesmente deixou de ser estudado e pesquisado em profundidade.

Daí, não ter sido medida, até hoje, sua importância artística, sócio-cultural, ou, até, histórica dentro dos eventos que se destacaram e causaram repercussões em nossa arte desde os anos 40. Faltou até agora aos "19 Pintores", por motivos que não cabe aqui esmiuçar, o talento pesquisador e crítico de uma Aracy Amaral, que estudou até a exaustão, por exemplo, a Semana de Arte Moderna de 22, ou de uma Daisy Picininni, citada por seu exemplar trabalho sobre o Grupo Seibi, ou, ainda, de uma Lisbeth Gonçalves, com sua criteriosa e bem elaborada tese sobre o Grupo Santa Helena.

É preciso olhar a exposição dos então "jovens cheios de esperanças e expectativas" como os chamou Geraldo Ferraz em 1947, dentro da realidade social, política e cultural da época. O Brasil tinha ganho, ao lado dos aliados, a segunda grande guerra, havia uma grande euforia e otimismo nacional, a geração de 45 despontava na literatura e na poesia, e, nas artes... nada acontecia com a mesma repercussão. A exposição dos jovens "da lira dos 20 anos" foi, assim, resposta e integração dos 19 artistas ao meio cultural e às idéias que surgiam com impacto, servindo como "viva ativação artística e nossa integração com a nossa geração", segundo depoimento de Marcelo Grassmann. No mesmo sentido pronunciou-se Antônio Augusto Marx, que ainda assinalou terem os "19", além da preocupação com a participação no movimento cultural da época, se preocupado "em refazer o caminho trilhado pela arte moderna desde 22, sem cerebralismo, talvez intuitivamente, refazendo o rumo desse movimento", permitindo "uma grande abertura de nossas fronteiras artísticas e a visão total de nossas artes".

Otávio Araujo nos disse que os "19" tiveram a preocupação de fazer uma arte nacional, ligando-se, por exemplo, a Mário de Andrade, que alguns, muitas vezes, visitavam em sua casa da Barra Funda. Sem dúvida, a maioria se apegava ao expressionismo alemão, pelas leituras que faziam na Biblioteca Municipal, onde Sérgio Milliet e Maria Eugênia Franco, dois dos incentivadores da exposição, "os recebiam de braços abertos". Andreatini, mais velho, também era adepto do expressionismo, levando muitos jovens a conhecer obras sobre Max Beckman, Schmidt, Rotluff, Kirschner e outros. E, sem dúvida, a admiração por Segall era, à época, muito grande entre os jovens expositores.

Mas, outras influências recebiam muitos dos 19. Uns, eram autodidatas, como Aldemir Martins, recém-chegado do Ceará e vivendo em casa de Paulo Emilio Salles Gomes. Outros, como Charoux, alunos do Liceu de Artes e Ofícios. Flávio Tanaka era do grupo que estudava na Escola Profissional do Brás. Maria Leontina era aluna de Waldemar da Costa, e Camerini, de Bonadei. Bonadei também indicou Gruber, que morava em Santos. Cláudio Abramo chegava do ambiente intelectual e Otávio Araújo, como outros, fazia "roda" na Biblioteca Municipal. Odetto Guerstoni acha que os "19 Pintores" têm importância histórica em nossa arte, afirmação reafirmada por Luis Sacilotto. Os jovens artistas não tinham onde expor, pois não havia galerias de arte à época, criadas, contudo, a partir da exposição de 1947. Como também o movimento dos "19", que cresceu em valores individuais e junto a outros grupos — por exemplo, com os artistas do Santa Helena, que todos respeitavam — resultou seguidamente em fatos como a criação do "Clubinho", do Salão Paulista de Arte Moderna, na fundação do Museu de Arte Moderna, ao final dos anos 40.

• LEK.